

# Maquinações Poéticas: uma aula, uma pesquisa, uma vida

Róger Albernaz de Araujo

Professor titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense e do Programa de Pós-graduação em Educação-IFSul. Doutor em Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul(2007); Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (PNPD, 2016) e Coordenador do grupo de pesquisa GEISSO: Estudos e interlocuções com o pensamento: diferença, subjetivação e processos de criação articulados com educação e tecnologia (CNPq/IFSul). roger.albernaz@gmail.com

## Poetic Machinations: a class, research, a life

**Resumo:** Este artigo ensaia compor uma poética dos percursos da aula, da pesquisa e da vida. Tensiona, com Gilles Deleuze e Félix Guattari, o que passa e o que pode vir a passar entre essas relações. Questiona como são produzidas as sínteses de verdade e como são instituídos os conteúdos e as expressões em um determinado meio. Problematiza, com o Método Maquinatório, modos e ritmos possíveis de maquinar e de fabular deslocamentos e perspectivas: ora um meio, ora um modo, ora um ritmo. E, o que passou?

**Palavras-chave:** Método Maquinatório; Poética, Vida; Pesquisa; Aula.

**Abstract:** *This article attempts to compose a poetic about the pathways of the class, research and life. It intensifies, by means of Gilles Deleuze and Félix Guattari, what happens and what may come to pass between their relationships. It questions how the synthesis of truth is produced and how the contents and expressions of a certain subject are instituted. Using the Machinatory Method, it problematizes possible ways and rhythms for machining and fabulating displacements and perspectives: sometimes through a medium, sometimes a means, sometimes a rhythm. So, what happened?*

**Keywords:** *Machinatory Method; Poetic; Life; Research; Class.*

## Um ponto de entrada

Este ensaio busca compor um percurso simples da expressão de algo bastante delicado, tratando-se do pensamento de Deleuze e suas ressonâncias com Guattari. Neste caso, um preâmbulo funciona como aquele momento de suspensão do tempo, principalmente pelo tensionamento difícil em separar o pensamento de Deleuze do de Guattari. Gosto e sou instigado por ambos separadamente, mas a relação do que passa entre os dois, afeta-me de um outro modo, com outra intensidade. Isso pode parecer apenas um efeito de linguagem, um subterfúgio para declinar de uma posição, mas resguarda e vivifica o duplo tensionamento entre os dois para que algo passe, para que algo possa vir a passar. Não se trata de uma opinião, muito menos de uma informação e, sim de uma sensação que passa, provocando efeito de outras sensações que reverberam. “O que se passou?” (DELEUZE; GUATTARI, 2017c, p. 74)

Algo acontece. Mas, por onde começar? Pelo início não é possível. Não se trata de uma origem. Surge a necessidade de criar um ponto de entrada, um traço, uma brecha, um “pensamento de partida” (DE ARAUJO; CORAZZA, 2018). Talvez, inventar? Faz-se necessário um momento. Um momento que separa duas eternidades, como diz Nietzsche (1977). Um momento sem uma coordenada prévia, que produz deslocamentos; possibilidades de afirmação de uma necessidade. Algo funciona. Algo pode vir a funcionar.

Assim, a necessidade tensiona o meio. Um meio que não se constitui em metade de algo; não é separação de um em dois, mas um entremeio, um “intermezzo” (DELEUZE; GUATTARI, 2017a, p. 36), por onde intensidades passam, adquirem velocidade, redundam em diferenças, inclusive no próprio meio. Ou seja, o meio não é o contexto e, sim, o texto (BARTHES, 2015); espaço de disputas, de enredamentos com excessivas “imagens” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 61) e com

recorrentes “regimes de signos” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 62). No meio algo acontece. Algo que só acontece pelo meio. Talvez, essa seja uma perspectiva mais “digerível” de perceber o que passa em *Mil Platôs*, quando Deleuze e Guattari enunciam que só se cria algo, pelo meio, na relação com um território. É, neste momento, que os pés descem a terra e que um ponto se coloca em meio ao caos. Momento em que a disputa se acirra. Uma linha tensiona um desejo de fuga, um traço de diferenciação. Simultaneamente, um ponto de captura tensiona a permanência, a manutenção do momento mesmo, a repetição.

Uma necessidade tensiona um acontecimento, que só acontece no momento em que a diferença retorna ao meio na transitivização (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36) potencial, atual. Nesse caso, potencial (virtual) não se opõem ao real, assumindo a posição da própria realidade do espaço-tempo de criação, de invenção, que coloca em variação contínua as próprias variáveis que persistem na determinação de um atual e de suas relações constantes (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Acontece um tensor. Um momento-tensor que escancara uma necessidade de deslocamento, de relação. O tensor (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 44) produz a variação contínua das variáveis, tanto atuais, como potenciais. É o tensor que torna possível que a transitivização funcione, e por efeito, que a variação tenha continuidade. O tensor faz com que um meio se desloque em direção a um limite de seus elementos, formas ou noções; em direção a um além e a um aquém do meio. O tensor opera uma de transitivização do meio e faz com que o último termo da relação reaja sobre o precedente, retomando recursivamente a cadeia das relações. No caso, a transitivização, conceito cunhado por Deleuze e Guattari no segundo volume de *Mil Platôs*, implica e envolve uma ideia de como as relações se produzem no duplo tensionamento de uma realidade

que alterna instâncias entre o que é, em um momento de corte e atualização, que produz o momento que acontece; e o que pode vir a ser, que produz o espaço potencial de diferenciação. Assim, temos uma realidade atual e uma realidade potencial; um atual que agrega substâncias e formas de expressão e de conteúdo, e um potencial que deseja produzir uma função com as matérias que preenchem um plano de relação; a realidade potencial é um espaço de abstração, ou seja o espaço que acontece pela passagem de uma máquina abstrata que adquire um nome quando passa e se atualiza na diferença, que tensiona os processos de variação contínua das constantes de relação e, também das próprias variáveis. A transitivização produz a continuidade rítmica das relações em um meio, em um território.

[...] a máquina abstrata é como o diagrama de um agenciamento; traça as linhas de variação contínua, ao passo que o agenciamento concreto trata das variáveis, organiza suas relações bastante diversas em função dessas linhas. O agenciamento negocia as variáveis em tal ou qual variação, segundo tal ou qual grau de desterritorialização, para determinar aquelas que estabelecerão relações constantes ou obedecerão a regras obrigatórias, e aquelas, ao contrário, que servirão de matéria fluente à variação. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 37)

Uma aula é um acontecimento; uma pesquisa e uma vida, também. No caso, três planos de relação, cada um dos quais implicado com um possível de cada encontro, simultaneamente envolvidos por uma política recorrente de algo em vias de um porvir, que dissolve o próprio possível e tensiona outros encontros. A aula, a pesquisa e a vida, talvez sejam primas-irmãs de um mesmo modo de funcionamento, de um mesmo modelo. Como isso funciona? Como acontece? Isso, que funciona, tem um início, um começo? Uma dose de prudência se faz necessária. Não podemos determinar quando, onde e, a partir de quais matérias algo começou a acontecer. Do mesmo modo, não

podemos determinar, de modo exato, quando algo terminou de acontecer. Algo passa; acontece. Algo passou; aconteceu. Em *Lógica dos sentidos*, Deleuze (1998) nos envolve com o acontecimento e nos implica com a noção de devir, quando enuncia que Alice cresce. E, não se sabe quando Alice começou a crescer, quando terminará de crescer; menos ainda, de que modo isso acontece. Alice cresce.

Uma aula acontece. Uma pesquisa acontece. Uma vida acontece. O que acontece, acontece no e pelo meio, a partir e com um modo, tensionado e provocado por um ritmo. Três aspectos de um mesmo movimento: 1º. Um ponto no caos: um meio; 2º. Um olhar ao redor e o recolhimento de matérias: um modo; 3º. Uma criação/invenção: um ritmo. É uma reverberação do conceito de ritornelo (DELEUZE; GUATTARI, 2017a), que opera como tensor de deslocamento das partes envolvidas e implicadas na relação. O ritmo como tensor de um processo de diferenciação, de deslocamento, sem o qual a diferença não retorna ao meio (DELEUZE, 1976).

Uma aula é um território de luta. Um espaço ocupado por imagens e organizado por regime de signos. Há um modelo de aula estabelecido pelas variáveis que intentam a manutenção de um espaço atual, que se repete no tempo, com mínimas variações, que não produzem diferenciações, mas cópias derivadas de um modelo original - múltiplos. Entretanto, também há linhas potenciais que cruzam este espaço estabelecido, transpirando um desejo de diferença. Qual é a realidade da aula? Justamente, a realidade da aula é a resultante de uma luta entre forças (DELEUZE, 1976): forças reativas (atuais), que reagem à diferença, à mudança; e, forças ativas (potenciais), que ativam modos de diferenciação do que é a realidade, pelo desejo do que ainda pode vir a ser. Isso acontece com a aula, na aula. Acontece com a vida, e na vida.

Neste ponto, temos um problema. Talvez, mais de um. Que

necessidade temos de diferenciar a aula? Por que questionar algo que já possui as respostas em sua própria estrutura e organização? Temos, então, um ponto de dobradura do problema: o que fazemos com isso, como resolvemos, como achamos as respostas? Não fazemos, não resolvemos, não achamos. Não podemos. O que podemos é problematizar os problemas, e ao invés de procurarmos respostas para os problemas, inventamos outros problemas que problematizem o problema. Uma transitivização do problema. Isso! Isso funciona como uma política de problematização de todos os problemas: poder produzir novos problemas e, por efeito, novas perspectivas de relação com o meio; novos modos e novos ritmos; deslocamentos. Maquina-se com os problemas. Maquinam-se problematizações. Maquinações (DE ARAUJO; CORAZZA, 2018; DELEUZE; GUATTARI, 2011).

As maquinações implicam e envolvem enredamentos de desejos. Sem desejo, declina-se da possibilidade de diferenciações, de invenções; e, resta apenas o círculo e suas circularidades, mais ou menos distantes ou próximas de um centro, de um núcleo, de uma origem. Restam os múltiplos de um uno, de um original. Restam cópias.

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão. O desejo e o seu objeto constituem uma só e mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina. O desejo é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir passando ao produto e dando um resto ao sujeito nômade e vagabundo. O ser objetivo do desejo é o Real em si mesmo.

Uma aula é um território de luta, porque seu espaço e seu tempo estão delimitados, demarcados por um círculo que determina o que a aula é, o que a aula deve ser, mais ou menos distante ou próxima de um ideal de aula posto. Deste modo, temos múltiplos de uma aula ideal; cópias diversas de um mesmo modelo que perene permanece. Do mesmo modo, isso se repete com a pesquisa e, também, com a vida.

Quando Deleuze e Guattari compõem o conceito de “máquina desejante” (DELEUZE, GUATTARI, 2011) é porque maquinações tensionam deslocamentos, rupturas, rachaduras no meio do próprio desejo. Transitivização de todos os desejos. Variação contínua de todas as variáveis. E, isso funciona como tensor de deslocamentos, pelos quais os desejos, por efeito, produzem novos modos, novos ritmos e novos meios dos próprios desejos. O desejo desloca-se do próprio desejo em maquinações sucessivas; subtrações que deslocam a cópia de sua origem, fazendo-a variar em si mesma, em seu meio; e, isso rompe com as imagens do próprio desejo.

Com Deleuze e Guattari, a partir do conceito de maquinação, podemos perceber o desejo de um outro modo; podemos perceber o desejo como usina, como produção de uma outra produção, recursivamente. (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Um desejo que desafia a origem, que subverte a hierarquia, que relega o pertencimento, que martela o múltiplo e o seu regime de cópias. Um desejo que luta com o próprio modelo de desejo que compõe o meio, que determina os modos e que regula os ritmos.

O desejo não é um corpo organizado, mas a consequência da operação de um modelo que organiza este corpo-desejo. Uma aula não é um espaço organizado, mas a consequência da operação de um modelo de aula que organiza este espaço-aula. A pesquisa não é um movimento organizado, mas a consequência da operação de

um modelo de pesquisa que organiza este movimento-pesquisa. A vida não é um caminho organizado, mas a consequência da operação de um modelo de vida que organiza este caminho-vida. Podemos perceber, instintivamente, que existe sempre um modelo no meio do corpo-desejo, no meio do espaço-aula, no meio do movimento-pesquisa, no meio do caminho-vida. Parece existir sempre um modelo no meio do caminho; no meio do caminho existe um modelo. Uma referência e uma reverência a Carlos Drummond de Andrade (1928), na obra *No meio do caminho*<sup>1</sup>:

No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / tinha uma pedra/no meio do caminho tinha uma pedra. / Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas. / Nunca me esquecerei que no meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / no meio do caminho tinha uma pedra.

Ou seja, no caminho há sempre uma pedra, há sempre um modelo com o qual a necessidade estabelece uma relação e incita um desejo de luta. No meio do desejo tinha uma falta; tinha uma falta no meio do desejo. No meio da aula tinha um currículo; tinha um currículo no meio da aula. No meio da pesquisa tinha uma metodologia; tinha uma metodologia no meio da pesquisa. No meio da vida tinha um caminho; tinha um caminho no meio da vida. Talvez, tenhamos um complexo com os modelos: de falta no desejo; de currículo na aula; de metodologia na pesquisa; de caminho na vida.

O desejo, a aula, a pesquisa e a vida têm complexos de síntese. Complexos com origem em uma resposta, que quando colocada como transcendente, resolve o conflito entre uma tese e uma antítese; basta saber a resposta certa; aquela que já está posta e disposta entre as imagens e os regimes de signos que determinam o espaço. A falta é a resposta para os desejos; basta desejar o que falta.

[1] O poema *No Meio do Caminho* é uma das obras-primas de autoria do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Os versos, publicados em 1928 na Revista de Antropofagia.

O currículo é a resposta para os problemas da aula; basta seguir o currículo. A metodologia é a resposta para os problemas da pesquisa; basta aplicar a metodologia. O caminho é a resposta para os problemas da vida; basta não se afastar do caminho. Se não preenchermos o que falta, o desejo dá errado. Se não cumprimos o currículo, a aula dá errado. Se não obedecemos a metodologia, a pesquisa dá errado. Se não nos resignamos ao caminho, a vida dá errado.

Ou seja, a noção de erro e as imagens e os regimes de signos que a circunscreve não é um elemento natural, mas um elemento naturalizado por um modelo que opera na aplicação das consequências àquilo que não é aceito. Deste modo, o acerto já está constituído como transcendente; o elemento esperado que responde corretamente ao problema; a resposta que garante a verdade; o que garante o verdadeiro desejo é preencher o que falta; o que garante a verdadeira aula é seguir o currículo; o que garante a verdadeira pesquisa é obedecer a metodologia; o que garante a verdadeira vida é se resignar ao caminho. Ou seja, em qualquer meio há sempre uma síntese de verdade, que garante as respostas corretas que resolvem todos problemas; um modelo que faz da síntese de verdade o elemento que garante todos os juízos de verdade e, por consequência todas as generalizações múltiplas dos próprios juízos de verdade.

Se não preenche a falta que garante o desejo, culpado. Se não segue o currículo que garante a aula, é culpado. Se não obedece a metodologia que garante a pesquisa, é culpado. Se não segue o caminho que garante a vida, é culpado. A falta, o currículo, a metodologia e o caminho funcionam como sínteses de verdade que se colocam como transcendentais às relações, garantindo assim as respostas corretas, as respostas esperadas, as respostas verdadeiras. Com isso o modelo estabelece o juízo como elemento de garantia à verdade em todos os meios. O juízo dita o modo e o ritmo. Quem

julga o desejo é a falta. Quem julga a aula é o currículo. Quem julga a pesquisa é a metodologia. Quem julga a vida é o caminho.

No meio do caminho tinha uma síntese; tinha uma síntese no meio do caminho. E, ao redor da síntese, os múltiplos juízos proliferam e garantem a circunscrição do regime de verdades: moral. Uma aula não pode ser apenas um espaço organizado. Do mesmo modo a pesquisa. Mas, como dizer do desejo e da vida? São tipologias diferentes, diferentes meios que subsistem a um mesmo modelo de pensamento. E, o que sobressai é uma percepção de que o desejo, a aula, a pesquisa, e a vida devem ser organizados, delimitados, estabilizados, fixados sob pena de serem julgados culpados. O juízo sujeita o desejo, a aula, a pesquisa e a vida à imagem e ao regime de signos do modelo vigente em cada meio. Assim, o currículo sustenta a escola e a metodologia a academia. A falta de outra sorte coíbe os desejos e instaura uma política de consumo de prazeres, ajuizados conforme o modelo e disponíveis à aquisição. Do mesmo modo, a vida se tem coibida pelos caminhos, sustentados por uma moral refletida pelo modelo, que define posições e arbitra costumes e condições de possibilidades das relações. A falta posiciona o desejo como refém do consumo de modelos, e funciona como armadilha, refletindo imagens e sentidos de uma completude alcançável, contanto que o que falta seja adquirido. De algum modo, esse desejo de falta nos torna devedores eternos da nossa própria incompletude.

Entretanto, com Beckett podemos instigar o desejo a jogar com o desejo, trocar pedras de lugar, colocar uma em um bolso e outra em outro; uma outra ainda, à boca; poder girar, parar, apressar, diminuir; e, até, simplesmente cuspir uma pedra ao chão. Uma cena de deslocamento. Deslocamentos. Aí, a poética funciona como elemento rítmico que declina da posição de arcar com as consequências derivadas da operação determinada de um determinado modelo, e

se desafia em tensora de um modo de produção de variação contínua das constantes, e também das variáveis. Uma poética tensiona um modo, que por efeito tensiona um meio, que por efeito tensiona novas poéticas, sucessiva e recursivamente – efeito de efeitos.

Uma poética da aula não garante a diferença, mas retira da síntese a certeza; desafia o mesmo e sobretudo a indiferença. Uma poética retira do modelo que julga a aula a condição de possibilidade dessa permaneça eternamente como o detentor da verdade que julga, culpa e pune. Uma poética aposta em um jogo com dados não viciados e coloca suas fichas na afirmação da continuidade do jogo e não no resultado e em um número apostado. Isso funciona para a aula, para a pesquisa, e também para o desejo e para a vida. Essa é uma problematização que Deleuze e Guattari tensionam com o conceito de máquina e suas dobraduras: isso funciona? Essa aula, essa pesquisa funciona? E, os desejos? E, a vida? Funcionam? Marcações necessárias para que novos passos tomem a cena, que outras relações aconteçam, que diferenciações se vivifiquem. Pelo funcionamento encontramos os modos, e esses diferenciam os meios, diferenciam a aula e a pesquisa, mas também os desejos de vida e a vida dos desejos. Uma poética da aula tensiona um ritmo, implica e está implicada com diferentes modos de maquinação que envolvem o meio e a própria poética. Assim, uma poética da aula tensiona um ritmo para aula, da aula, que implica modos diferentes de maquinação da aula e, também da poética envolvida. Do mesmo modo, isso funciona com os desejos, com a pesquisa e com a vida. O ritmo é estratégico para que os modos possam também produzir os meios. Há toda uma política poética de maquinação da aula, da pesquisa, bem como dos desejos e da vida. Ou seja, a produção do meio não é um regime de relações de causa e consequência, mas efeitos de efeitos.

### **Maquinações poéticas da pesquisa**

No que implica as relações de pesquisa, enquanto meio, e envolve os movimentos de pesquisar, enquanto modo, podemos tensionar a necessidade da aquisição de um ritmo, o que efetivamente afirma a dupla articulação entre os movimentos da pesquisa e os movimentos do pesquisador – maquinações.

Deste modo, temos a composição de uma pesquisa-máquina que se produz pelos deslocamentos que traça. Assim, pesquisar é traçar percursos, compor um corpo-pesquisa, corpos-pesquisas. No caso, um corpo-pesquisa do qual ainda não se sabe, um corpo-pesquisa por vir; um corpo-pesquisa informe que transita no limite das linhas do desejo. Ou seja, a pesquisa e o pesquisador criam para si um “corpo sem órgãos” (CsO) (DELEUZE; GUATTARI, 2017b).

Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto — o CsO — mas já se está sobre ele — arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE; GUATTARI, 2017b, p. 9)

E, quando pesquisador e pesquisa desejam esse corpo, um traço toma o meio da relação e passa, produzindo um ritmo na multiplicidade de linhas que acontecem. Nesse momento, necessitamos estar à espreita. Algo acontece. Um momento. Uma transitivização que modifica o real, pela redundância entre o potencial de um porvir e o atual de um ser. Em suma, mesmo que seja provisório, temos uma tensão que provoca uma multiplicidade de deslocamentos. Estamos o tempo todo na iminência de algo em vias de uma atualização, e o que importa é como dispomos desta possibilidade. Há aqui um índice

de resistência. Mas, resistir a quê? Resistir a quem? Talvez, resistir à imagem dimensionada e determinada do que se deve inventar. É neste momento que o desejo toma corpo, quebra o leme e se põe à deriva por encontros por vir. Resistir é tensionar, desejar, potencializar. Resistir às consequências impostas pelas sínteses de verdade e aos juízos subjacentes, que sustentam a própria síntese como resultado evidente, que não só pressupõe este resultado, mas também garante a tese que o sustenta enquanto origem inequívoca.

Ou seja, em termos de pesquisa podemos tensionar que pesquisar é um acontecimento. Na pesquisa algo acontece, algo necessita acontecer. Para tanto necessitamos desejar. E, é esse pequeno deslocamento que põe a máquina-pesquisa a maquinar. As maquinações da pesquisa produzem um modo de pesquisar, uma singularidade. Mas, isso não se desenha em um único traço; necessita de um ritmo, um movimento que irrompa a cena da pesquisa para que algo passe, para que algo possa vir a passar. Inventar é uma necessidade. Fabular é uma inevitabilidade. Fabular procedimentos de um método de maquinação da pesquisa - um Maquinatório de Pesquisa (DE ARAUJO; CORAZZA, 2018).

### **Método Maquinatório de Pesquisa (MMP)**

Uma pesquisa compõe uma geografia de deslocamentos, e o meio da pesquisa só produz sua “paisagem melódica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) quando encontra “personagens rítmicos” que tomam a cena e traçam procedimentos de pesquisa. O desejo de pesquisar funciona como tensor dos procedimentos que forçam o deslocamento da pesquisa e do pesquisador. Um ritornelo de pesquisa: ora um ponto no caos, ora um olhar ao redor e o recolhimento de matérias, ora um traço fabulatório de procedimentos. Três aspectos de um mesmo deslocamento, três aspectos de um mesmo procedimento.

Assim, temos um primeiro procedimento fabulatório: afirmar a pesquisa enquanto um espaço de saúde, no caso, pelo duplo tensionamento entre uma ‘crítica sintomatológica’ e uma “clínica maquinatória”. Fabular procedimentos de pesquisa que tensionem uma crítica do meio, no sentido de auscultar sintomas acerca de como esse meio funciona, e como vem funcionando para se corporificar no que é; ou seja, não se tensiona obter respostas, mas suscitar problematizações; não se tensiona a cura, mas uma saúde.

O movimento crítico sintomatológico funciona como traço que deseja revolver o meio, como forma de encontrar matérias com as quais possa compor um ato de invenção, um ato de saúde. Esse procedimento afirma a dupla articulação, a dupla maquinação entre uma crítica e uma clínica – *Crítica e clínica* (DELEUZE, 1997); sintomas-matéria e maquinações-fabulatórias; conteúdos e expressões, matérias e funções (DELEUZE; GUATTARI, 2015). Neste caso, a ideia da tensão entre uma crítica e uma clínica, acontece pelo desejo de transcender a noção da crítica que produz a clínica que revela a verdade, fornece a resposta, obtém a cura. Deleuze nos provoca ao agenciar crítica e clínica em uma obra literária, por onde transitam vários autores com os quais conversa. Uma crítica que busca sintomas, indícios, contornos; matérias com as quais deseja abstrair diferenças; uma clínica maquinatória funciona como máquina abstrata de fabulação de espaços e estados de saúde.

Um procedimento de desejo de produção de saúde para um espaço de pesquisa coloca o desejo como tensor de um corpo-pesquisa e de um corpo pesquisador; estabelece um ponto de entrada em que o modo, mesmo ainda fora do meio já produz uma perspectiva de relação. Pesquisador e pesquisa se encontram no limite de um território, compondo um perspectivismo crítico. Neste momento, o caos se organiza em um ponto, um corte que torna

possível pensamentos de partida (DE ARAUJO; CORAZZA, 2018). Os pensamentos de partida funcionam como linhas que se desenham do caos e irrompem um território de pesquisa. Perceptos, afectos e conceptos que preenchem um plano de imanência e um plano de composição, simultaneamente, produzindo um plano de invenção em dupla tensão com um plano de organização. Um plano que deseja um porvir, um real potencial; e, um plano que resguarda o que é, o real atualizado.

Se o desejo é o ponto zero do deslocamento da pesquisa e do pesquisador, o perspectivismo se compõe como o primeiro movimento da composição de um ato de pesquisar; é nesse momento que há o olhar ao redor, o se colocar à espreita e recolher as matérias possíveis de relação. É um movimento de dupla escrita, no corpo do pesquisador e no corpo da pesquisa, no entremeio de uma multiplicidade de leituras possíveis das paisagens melódicas que as matérias desenham.

Pelos pensamentos de partida, enquanto estes se compõem, emergem linhas críticas que perseguem sintomas do funcionamento do meio que se preenche em relação – uma crítica sintomatológica. Perceptos, afectos e conceptos preenchem um plano de relação, do qual emergem percepções, afecções e conceitos. É um momento de arquivamento (DO VAL, AQUINO, 2018) dos efeitos que estes encontros produzem; um momento de registro do que se consegue recolher por entre os deslocamentos da pesquisa e do pesquisador; coordenadas que constituem um mapa dos percursos de pesquisa – uma cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2017a).

Neste ponto, fica evidente a necessidade de registro que a pesquisa e o pesquisador demandam realizar. No caso, o arquivamento funciona como procedimento de acondicionamento das matérias, neste caso enquanto potenciais conteúdos e expressões que a

pesquisa pode vir a afirmar enquanto diferença. Assim, o arquivo (FOUCAULT, 1997, 2006a, 2006b, 2008, 2010, 2013, 2014) exerce uma função estratégica de fazer com que a multiplicidade de pontos possíveis no caos não esvaneça no próprio caos. A pesquisa e o pesquisador necessitam colocar os pés no chão, inclusive como impulso para um novo salto no caos. Ou seja, pelos encontros no percurso de deslocamento, a pesquisa e o pesquisador leem uma realidade potencial (caos) e escrevem uma realidade atual (arquivo) – uma escrita<sup>2</sup> acontece, um plano de invenção.

Se a crítica sintomatológica funciona como elemento gravitacional, que põe a pesquisa e o pesquisador com os pés no chão, a clínica maquinatória funciona como impulso de um próximo deslocamento; um salto, uma correria ou apenas de um silêncio contido de uma parada necessária. A maquinação aqui tensiona procedimentos fabulatórios, tensiona modos de invenção; uma maquinação fabulatória com as matérias intensivas (caos) e extensivas (arquivos). A clínica da pesquisa e do pesquisador, ou seja, o desejo de saúde, da possibilidade de poder continuar a problematizar, de continuar a se deslocar, de continuar a respirar acontece pelo toque nos índices dos arquivos produzidos pelos arquivamentos, simultaneamente com a produção de novos índices, novos arquivos, outros conteúdos e expressões – arquivização (DO VAL; AQUINO, 2018).

A relação entre uma crítica sintomatológica e uma clínica maquinatória ressoa pelo ritmo que estes modos de ler e escrever a realidade compõem como efeito. Por entre um procedimento crítico e um procedimento clínico algo passa; um arquivamento, uma arquivização, um salto no caos e um retorno a terra. De algum modo estes procedimentos, duplamente tensionados, coreografam uma cena de resistência (FOUCAULT, 2006a, 2006b) e de transvaloração (DELEUZE, 1976). Isso coloca o pesquisador e a pesquisa como

[2] Projeto de Pesquisa financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior no contexto do Programa Observatório da Educação com parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação do Brasil. Possui quatro núcleos situados em Instituições de Ensino Superior: UFRGS - coordenado pela Profa. Dra. Sandra Mara Corazza;

tensores de diferenciação do território de pesquisa. São as linhas de fuga que irrompem o território; linhas potenciais que desejam escrever a diferença. Mas, a diferença necessita retornar ao território, afirmar uma posição, produzir efeitos de diferenciação. É quando a diferença retorna ao território, e só a diferença retorna, pois o mesmo apenas permanece, que a desterritorialização se torna possível; quando a pesquisa intervém na realidade e a atualiza em uma nova posição ou em um novo movimento – acontece uma diferença; uma singularidade (DELEUZE; GUATTARI, 2017d).

### **Considerações de saída**

De algum modo, a pedra no meio do caminho da pesquisa é a metodologia. Ela, a metodologia parece funcionar como a origem de qualquer possibilidade de construção de uma pesquisa. Assim, a metodologia acaba por funcionar como aparelho de captura da pesquisa e do pesquisador, afinal, é ela que determina os regimes de signos circulantes e as imagens esperadas pela identidade acadêmica. Há, neste sentido, uma diferença de perspectiva entre o método, enquanto processo de abstração que preenche um plano, adquirindo modos e ritmos que produzem o meio, e a metodologia que impõe um modelo como determinante dos processos que devem seguir. É o desejo de encontrar novos modos que movimenta o método e subtrai da metodologia algumas certezas, produz fissuras, pelas quais novas perspectivas de relação podem emergir.

Ora, para quem pesquisa com referenciais da diferença, principalmente na relação com Deleuze, Guattari, Nietzsche e outros malditos; torna-se necessário, para não dizer inevitável tensionar o território metodológico da academia, afinal é a metodologia que se impõe como a síntese de verdade da pesquisa, das pesquisas, de todas as pesquisas – a generalização do que é e do que não

é pesquisa. No caso, este ensaio buscou passar por este território; por uma crítica sintomatológica do que é o território acadêmico da pesquisa produziu arquivamentos, índices de perspectivas potenciais de pensar a pesquisa de um outro modo, como um outro meio e com outros ritmos. Ao invés de uma crítica ao modelo acadêmico, preferimos afirmar a possibilidade de problematizações; ao invés de respostas, novas questões, outras perspectivas. Problematizar é a potência que o método tensiona; tensiona a metodologia e, inclusive, o método.

No caso, pelo Método Maquinatório de Pesquisa, formalizamos uma invenção procedimental do que uma pesquisa, também pode vir a ser. O MMP, neste caso, a partir do desejo, n-1 de qualquer deslocamento, produziu a maquinação de um modo de fazer pesquisa com cinco procedimentos, dois planos e uma linha. Procedimentos: 1. Perspectivismo; 2. Crítica sintomatológica; 3. Clínica maquinatória; 4. Resistência e Transvaloração; 5. Diferença e singularidade. Planos: 1. Invenção (composição e imanência); 2. Organização (referência). Linha: recursividade. Os procedimentos escrevem os planos e desejam a diferença e a singularidade, a invenção, inclusive dos próprios procedimentos; a linha de recursividade funciona como movimento de retorno, como índice de problematização que desestabiliza as certezas e apostas nas questões; desafia os limites da pesquisa e do pesquisador: uma penúltima questão a cada vez, para poder voltar a questionar amanhã, afinal se for a última questão será também a morte da pesquisa e do pesquisador.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido** (Trad. L. R. Salinas Fortes). São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 1976.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. 2ª edição. 2ª reimpressão. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2017a.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.2. 2ª edição. 1ª reimpressão. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 3. 2ª edição. 2ª reimpressão. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2017b.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. 2ª edição. 1ª reimpressão. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2017c.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. 2ª edição. 1ª reimpressão. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2017d.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. **Pedagogía y Saberes**, 49, p. 67-80, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. O nascimento de um mundo. In FOUCAULT, M. **Filosofia, diagnóstico do presente e verdade**. p. 51-54. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.